

PESQUISADORES INDÍGENAS NA PÓS-GRADUAÇÃO: POSSIBILIDADES ANTIRRACISTAS PARA A EDUCAÇÃO

Aline Maria Backes Sehn¹; Maria Aparecida Bergamaschi²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre da pesquisa *Ações Afirmativas no Programa - PPGEDU/UFRGS*. Visa apresentar dados acerca do ingresso e permanência nos processos seletivos de 2017 a 2022 e analisar, com mais detalhes, a presença de pesquisadores indígenas e suas produções. O Sistema de Reservas de Vagas foi instituído pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRGS pela Resolução 01/2016, que destina 30% das vagas de Mestrado e Doutorado para candidatos(as) autodeclarados(as) negros(as), indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, surdas, pessoas travestis e transexuais. Logo, o objetivo principal desse trabalho é evidenciar a presença de setores sociais historicamente excluídos dos espaços acadêmicos de pesquisa, dando maior ênfase para a presença de pesquisadores indígenas e suas pesquisas, considerando que este é um movimento importante para uma educação antirracista e para a concretização das lutas históricas por direitos humanos.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa considera dados dos seis processos seletivos, que registra o ingresso de 170 estudantes por meio das vagas reservadas, 55 de doutorado e 115 de mestrado. Destes, 124 negros(as); 11 indígenas; 06 quilombolas; 08 travestis/trans; 19 pessoas com deficiência/surdos(as). O desafio não é só incluir na universidade grupos sociais historicamente excluídos, mas sobretudo transformar estas instituições para que sejam mais plurais. Nesse sentido, a pesquisa também visa enfatizar a presença de pesquisadores indígenas, de modo a questionar o modelo hegemônico da universidade, assim como evidenciar seus conhecimentos, abrindo espaços para uma universidade intercultural.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia na Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) e bolsista de Iniciação Científica – aline.sehn@hotmail.com

² Professora titular na Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FACED/UFRGS) – cida.bergamaschi@gmail.com

O que ganha a universidade com os pesquisadores indígenas?

Por muito tempo, os povos indígenas foram objeto de pesquisa; hoje, são os próprios pesquisadores, que buscam cada vez mais a universidade, apesar das dificuldades para acessá-la e nela permanecer. De acordo com as palavras da estudante indígena Nyg Kuita (2021, p. 10):

A universidade precisa compreender que nós, estudantes indígenas, caminhamos o tempo todo em dois mundos. Como pessoa indígena contemporânea, a partir do meu nascimento, eu já sou obrigada a transitar entre esses dois mundos. E isso pra nós é um desafio, é difícil compreender esses dois mundos. A colonização foi tão ferrenha para nós que adormeceu muitas coisas de nós, do nosso próprio mundo.

Ações Afirmativas são fundamentais para o ingresso e a permanência nos espaços acadêmicos. Desde o período de vigência desta ação, o PPGEDU/UFRGS selecionou 11 estudantes indígenas, sendo 8 do Mestrado e 3 do Doutorado; destes, 5 já se diplomaram como Mestres. A previsão é que em 2023/2024, o Programa diplome 2 Doutores e 3 Mestres indígenas³. Apesar de uma presença ainda pequena, é fundamental refletir sobre as contribuições dessas pesquisas para uma educação antirracista.

A presença de pesquisadores indígenas oferece novos horizontes acadêmicos, visto que trazem modos próprios de pesquisar, as “metodologias indígenas”, que afirmam sua oralidade, memória e tradição. Através dos temas de pesquisa, apresentam suas comunidades, seus sistemas educacionais e os processos próprios de aprendizagem. Trazem os conhecimentos de seus povos, ou seja, os saberes dos mais velhos e sábios, permeados por uma autoria coletiva. Além disso, suas identidades, histórias de vida e línguas marcam forte presença em suas pesquisas, com referências da tradição oral e também da escrita. Suas pesquisas também apontam novas possibilidades sobre o próprio ato de aprender, que acontece por meio de diferentes interações, da escuta dos sábios, do silêncio, da vivência coletiva que acontece tanto na universidade quanto nas suas terras de origem, enriquecendo a academia. “A produção em coautoria com os indígenas têm promovido mudanças de pensamento e de ação que extrapolam a própria pesquisa com os indígenas, alcançando os espaços de sala de aula e de pesquisas”. (MENEZES; BERGAMASCHI; SOUZA, 2021, p. 16). Porém, o conhecimento branco e eurocêntrico ainda apaga a diversidade, como

³ Anterior às Ações Afirmativas no PPGEDU/UFRGS, 04 estudantes Kaingang realizaram mestrado e um doutorado.

aponta Leonardo Tupã (2021), ao reconhecer o atraso da universidade em não considerar o conhecimento indígena como aliado.

CONCLUSÃO

Embora os estudantes indígenas já estejam ensinando a universidade sobre sua história e sua cultura, ainda existem muitos desafios, principalmente relacionados com a dificuldade em reconhecer as diferenças e as contribuições indígenas para a excelência acadêmica. Nesse sentido, percebemos a importância das Ações Afirmativas, qualificando os processos de ingresso e permanência. Embora as vagas oferecidas são de no mínimo 30% em cada curso e Linha de Pesquisa, contabilizando 251 vagas reservadas durante os seis processos seletivos, 32% destas vagas não foram ocupadas. Outro ponto importante da pesquisa está em evidenciar os pesquisadores indígenas e as suas pesquisas, dos quais contribuem muito para a abertura de novos horizontes na universidade, através da produção de conhecimentos, por meio de metodologias próprias, de suas culturas e das línguas originárias. A universidade, enquanto território indígena, se torna um espaço de luta e resistência para os estudantes indígenas e contribui para uma educação antirracista, garantindo os direitos humanos desses grupos em específico.

REFERÊNCIAS

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SEHN, Aline Maria Backes. **Relatório Ações Afirmativas PPGEDU/UFRGS 2017 – 2022**. (documento interno do PPGEDU)

KUITA, Nyg. CIMI, Conselho de Missão entre Povos Indígenas. **Universidade: Território Indígena**. Disponível em: https://comin.org.br/wp-content/uploads/2021/02/Comin-_universidade-territorio-Indigena-CAPA-web-pag-a-pag.pdf

TUPÃ, Leonardo. CIMI, Conselho de Missão entre Povos INDÍGENAS. **Ocupando o território da universidade**. YouTube, 4 de abr. de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K1P1NOLPgZA>

MENEZES, Ana Luisa Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Fátima Rosane Silveira. Apresentação. In: MENEZES, Ana Luisa Teixeira de.; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; SOUZA, Fátima Rosane Silveira. **Aprendizagens Interculturais na Educação e na Psicologia**. Porto Alegre: Cirkula, 2021. p. 15-17.